

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 100, abril/maio 2020

UMA CIDADE MÁGICA NO SERTÃO DE GOYAS

Danilo Gomes

“Deixe que a mão escreva.”
(Anderson Braga Horta, “Poética”, do livro
Signo – Antologia metapoética)

No meu tempo de menino, em Mariana, MG, década de 1940, o mapa do Brasil, no Grupo Escolar Dom Benevides, mostrava um pequeno quadrilátero, no Estado de Goyaz, indicando que ali seria implantada a Capital Federal. O sonho vinha do Patriarca da Independência, o político e cientista José Bonifácio

de Andrada e Silva, passava pela profética visão de São João Bosco (o Dom Bosco de Turim), ganhava relevo na Constituição Federal de 1891.

E veio a célebre Missão Cruls (1892-1893), com a tarefa de demarcar a localização da nova Capital da República. Foi uma fantástica aventura capitaneada pelo astrônomo e geógrafo belga Louis Ferdinand

Cruls (pai do escritor Gastão Cruls). Na sua equipe de brasileiros e europeus, havia pesquisadores, geólogos, geógrafos, botânicos, paisagistas, engenheiros e médicos. Recomendo a leitura do excelente livro “Cruls – Histórias e andanças do cientista que inspirou JK a fazer Brasília”, de Jaime Sautchuk (Geração Editorial, São Paulo, 2014).

Continuação na página 3

BRASÍLIA, ESTA ADOLESCENTE SENHORA

sôniahelenas

Caminho por entre bosques, percebo árvores, adivinho edifícios que se escondem por trás das ramas, cruzo superquadras sem barreiras, vazo pilotis e piso em gramados espriados por toda a cidade, ouço pássaros variados segundo o avançar do sol, vejo o céu cambiante de cores e tonalidades conforme o espichar do dia, sinto o perfume das flores espalhadas pelos canteiros e percebo os diferentes frutos nas árvores ou ao pé delas.

Quaresmeiras, espatódias, ipês, bougainvilles, espirradeiras, barrigudas, sibipirunas, flamboyants, cambuís, sapucaias e tantas mais vão se alternando e definindo as cores e desenhando os tapetes da cidade, a cada mês.

Parafrazeando o fado português, poderia dizer: “tudo isto é lindo, tudo isto é vida, tudo isto é Brasília”, cidade onde os apartamentos têm quintal, onde os pedestres têm espaço, onde as pessoas se encontram, consigo mesmas e com outras.

Nem sempre cuidada, nem sempre entendida, por vezes maltratada, aviltada, desrespeitada, incompreendida, violada, Brasília, hoje aos ses-

centa, é uma respeitável senhora, ainda que apenas uma jovem adolescente na História. Guarda em si valores e mazelas. Contrastes e diferenças, encantos e desilusões, convivência e solidão, semelhanças e desigualdades fazem Brasília pulsar.

Tantas vezes agredida, desafiada, renegada em várias crises econômicas e políticas, quando tentavam lhe tirar o simbolismo, Brasília resistiu, persistiu, confirmou-se capital do país, cidade-monumento, espaço nacional, acolhedor de todos os brasileiros, síntese da brasilidade.

Nesta cidade única, singular, de um jeito que é só seu, de um estilo de vida ímpar, cidade da qual já disseram poderão restar magníficas ruínas, perco-me nos seus espaços e me vejo a lembrar e reverenciar Lúcio Costa, o “maquis” do urbanismo, que a concebeu para se “desvencilhar de uma solução possível, que não foi procurada mas surgiu, por assim dizer, já pronta”. Solução que “nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”.

Continuação na página 2

AH, OS DISCURSOS...(*)

Astrid Cabral

Minha alergia a discursos é doença crônica, incurável. Data das palestras em meu grupo escolar, quando, cerimoniosas, as professoras trocavam a linguagem que conhecíamos por outra suntuosa e estranha. Aqueles vocábulos com cheiro de dicionário tinham o dom de nos desorientar, de acentuar em nós a sensação de pobres burrinhos. Nessas solenidades eram indefectíveis os “colendos”, os “egrégios”, os “eméritos”, todos termos de exaltação oficial.

A bandeira, aquele familiar pedacinho de pano verde-amarelo, virava “lábaro pátrio”. Oferenda, minha gente, passava a “oblata”. Escola era, para todos os efeitos, “educandário”. A data que se festejava, sempre “magna”. Nenhum morto era mencionado sem que se justapusesse o adjetivo “inolvidável”. Para nós, crianças de então, era o dia do latim, porque naquele tempo, também as missas eram em latim. De certo modo, suportávamos humilhados a “despicienda” chuva de tão “acérrimos” termos. Contávamos as palavras inéditas nos dedos da mão e do pé, mas seria necessário recorrer aos fios de cabelo se perseverássemos até o fim. Por pouco não perdíamos o nexos, a ideia central.

Continuação na página 5

Continuação da página 1

BRASÍLIA, ESTA ADOLESCENTE SENHORA

sôniahelena

Lúcio Costa apresentou seu projeto em cinco cartões com quinze “croquis” à mão livre e um texto de 23 itens, nos quais expressava a intenção de

*“criar uma cidade verde, pelo menos nas asas residenciais, ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional”, que deveria desempenhar “as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como **urbs**, mas como **civitas**, possuidora dos atributos inerentes a uma capital”,*

ou dito de outra forma pelo próprio Lúcio,

“uma cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país.”

Parece que, aliada à concepção arrojada do projeto, a qualidade literária do texto de Lúcio Costa contribuiu para persuadir o júri, conforme afirmou Holford:

“Na primeira leitura daquele relatório, percebia-se a presença de um pensador, de um urbanista de primeira ordem. Numa leitura mais acurada, via-se que não havia ali uma só palavra supérflua, e tampouco uma só linha supérflua no esboço do plano ou nos diagramas; tudo o que era essencial, todavia, tinha sido dito.”

Abençoada pela profecia de Dom Bosco, acalentada ideia durante séculos, presente no cenário político do Brasil a partir do império, tratada nas constituições nacionais desde 1891, com pedra fundamental lançada em 1922, e finalmente concebida sob o sinal da cruz, Brasília reúne o que de mais legítimo existe no Brasil: sua gente, vinda do norte, do sul, do leste e do oeste, desde os primeiros dias, para construir a cidade, renovar esperanças e recriar suas vidas.

Ao inverso das cidades que, quase sempre, se ajustam e acomodam à paisagem, adaptando-se ao que nela existe, Brasília, no meio do nada, no vazio do cerrado, debaixo de um céu imenso, sobre um planalto esquecido, Brasília criou a paisagem.

Revisitando Brasília, em 1987, Lúcio Costa surpreendeu-se com a cidade. Ao falar da Estação Rodoviária, sua plataforma e o centro comercial em volta, afirmou:

“...Isso tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. Só o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isso. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído”.

O que a vida, sempre mais forte que os planos, no dizer do próprio Lúcio Costa, reservou para Brasília foi um resultado para além do imaginado pelo urbanista. Cidade dos sonhadores e dos visionários, de amplos espaços, pensados e reservados para o povo, tornou-se a cidade dos candangos, que dela se adonaram, deram-lhe vida, tornaram-na humana.

Brasília, aos sessenta, revela-se madura, imponente, sedutora, cidade onde o céu abraça a terra e com ela se mistura, onde o sol nasce belo e se põe esplendoroso, cidade de contrastes, de encontros e desencontros, cidade que não aceita meios-termos, exige entrega completa, cidade cinematográfica, de surpreendentes cenários, dos belos enquadramentos, das belas fotografias, adolescente na história e respeitável senhora na paisagem.

Lúcio Costa, de onde esteja, ao olhá-la, deve pensar consigo, sorrindo: *Consegui!*

Tavira, janeiro 2020

Soneto do Mês

DESTINOS

Goulart de Andrade



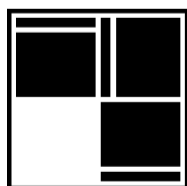
Traçou entre nós dois o Nume Eterno
uma linha, que, apenas, se revela:
nem na passa a vaidade – menos bela,
nem na transpõe o orgulho – alto e superno!

Envelhecemos!... A lareira o inverno
já de neve cobriu; e, agora, nela
a cinza fria da saudade vela
os resplendores do braseiro interno...

Mágoas calaste; humilhações calei-as;
se, hoje, temo passados desatinos,
tu de antigas loucuras te arreceias...

Cumpriremos, assim, nossos destinos:
tais duas torres, que rúissem, cheias
do repique festivo dos seus sinos!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2ª Secretária: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 100 – abril/maio 2020

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

UMA CIDADE MÁGICA NO SERTÃO DE GOYAS

Danilo Gomes

A ideia da mudança recebeu aceleração no projeto geral da Marcha para o Oeste, do Presidente Getúlio Vargas.

Só faltava um Juscelino Kubitschek de Oliveira para tornar aquele velho sonho (que passou também pela cabeça do Marquês de Pombal) uma realidade palpável, de concreto, aço, vidro e vitral.

Já quando Governador de Minas Gerais, JK (o antigo menino pobre Nonô, de Diamantina) se mostrou um dinâmico “tocador de obras”, sob o lema “Energia e Transporte”. Em frente à nossa casa, a presença de grandes tratores revelava a pujança do trabalho a ser realizado: asfalto. A luz fraca e amarela dos sonolentos postes se transformaria: boa energia. Nós, meninos, às vezes subíamos nos grandes tratores parados, fora do horário de trabalho. Aquilo era uma novidade no paradeiro da primeira Capital de Minas. O Estado se transformaria. Era JK trabalhando, voando, dançando, sorrindo, agitando o braço em saudação ao povo que o amava (menos a UDN lacerdista e os invejosos de sempre).

Fui estudar interno em Cachoeira do Campo (com os salesianos de Dom Bosco) e em Ouro Preto. Já estudava em Belo Horizonte, quando comecei a ouvir rumores sobre a construção de uma grande cidade no interior de Goiás (já sem y e sem z). Uma metrópole, planejada por Lúcio Costa, estava sendo erguida no Planalto Central do Brasil, no meio da poeira e debaixo do sol inclemente. Oscar Niemeyer projetava os palácios e mais monumentos da nova cidade. Israel Pinheiro dirigia os trabalhos como grande engenheiro e administrador. Bernardo Sayão enfrentava as estradas que se rasgavam no peito do sertão bravo, rumo ao Norte. Vários artistas compunham a equipe de Niemeyer, que contava também com o engenheiro calculista Joaquim Cardozo, poeta nas horas vagas. O médico pioneiro e futuro historiador Ernesto Silva continuava seu sério trabalho de consolidação do grande projeto. E JK comandava tudo, pedindo pressa, visitando obras à noite, incentivando os candangos. E a cidade mágica crescia. O tempourgia e “rugia”, os adversários e inimigos bombardeando com severo fogo de barragem. Lacerda ironizava e imprecava, impiedoso Corvo. Eugênio Gudín falava de Brasília e de JK cobras & lagartos. O escritor Gustavo Corção, autor do famoso romance *Lições de Abismo*, e que era engenheiro, bradava que o Lago Paranoá nunca encheria. No seu livro, já clássico, “Brasília Kubitschek de Oliveira” (Rio, Record, 2006, 5ª ed.), o historiador Ronaldo Costa Couto relata, à pág. 216:

“Engenheiro, Corção também escreveu: ‘Aquele terra é tão árida e inóspita que o lago de Brasília jamais encherá. A água será toda sugada pelo subsolo.’ Mais dúvidas, mais sombras, maior apreensão. Quando o Paranoá atingiu a cota mil e transbordou, JK, aliviado, mandou-lhe o seguinte telegrama: ‘Encheu, viu?’”

Alguns rapazes marianenses partiram para a grande aventura. Um deles, meu primo, não voltaria: numa briga de boteco, foi assassinado.

O ilustre historiador de Brasília, com vasta obra publicada, Adirson Vasconcelos, cearense que aqui chegou na aurora da construção, escreve, no seu Facebook 2017 (rede social), edição de 5 de abril de 2017: “A Cidade Livre, o Núcleo Bandeirante de hoje, é, em 1958, um grande centro de comércio, de atividades profissionais e diversão. Gente de toda parte. Brasília é uma integração. Tempo bom aquele! Idealismo, entusiasmo e espírito cívico.”

Rubem Braga publicou, em 1951, a maravilhosa crônica “O sino de ouro”. Está no livro *A borboleta amarela* e também no volume *200 crônicas escolhidas*. Eis um trecho:

“Contaram-me que, no fundo do sertão de Goiás, numa localidade de cujo nome não estou certo, mas acho que é Porangatu, que fica perto do rio de Ouro e da serra de Santa Luzia, ao sul da serra Azul – mas também pode ser Uruaçu, junto do rio das Almas e da serra do Passa Três (minha memória é traiçoeira e fraca; eu esqueço os nomes das vilas e a fisionomia dos irmãos; esqueço os mandamentos e as cartas e até a amada que amei com paixão) – mas me contaram em Goiás, nessa povoação de poucas almas, as casas são pobres e os homens pobres, e muitos são parados e doentes e indolentes, e mesmo a igreja é pequena, me contaram que ali tem – coisa bela e espantosa – um grande sino de ouro.” E prossegue:

“Lembrança de antigo esplendor, gesto de gratidão, dádiva ao Senhor de um grã-senhor – nem Chartres, nem Colônia, nem S. Pedro ou Ruão, nenhuma catedral imensa com seus enormes carrilhões tem nada capaz de um som tão lindo e puro como esse sino de ouro, de ouro catado e fundido na própria terra goiana nos tempos de antigamente. É apenas um sino, mas é de ouro.”

Na epopeia de Brasília, é como se essa visagem de ouro, esse chamado da terra desconhecida e promissora, contribuísse para a corrida em direção ao Planalto Central. Atraía como um Eldorado, anunciando juventude, riqueza, liberdade, poder. Aquele lendário grande sino de ouro, do grande cronista capixaba, quem sabe, para alguns espíritos, tivesse funcionado como um mágico totem, arauto de um Reino Encantado? Um sino de ouro nos sertões de Goiás! Brasília: esse sino de ouro que atraía levas de brasileiros, de Minas, do Nordeste, do Centro-Oeste, de toda parte! Como se JK, em pessoa, o tocasse na solidão do Planalto, como numa capela de Diamantina!

Em 1959 voltei a Mariana, para continuar estudando, desta vez no colégio Dom Frei Manuel da Cruz, dirigido pelo bem-aventurado educador Padre José Dias Avelar. O educandário integrava a benemérita Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC, de ensino gratuito. Ali fiquei até o fim do ano de 1960, quando voltaria a BH para estudar e trabalhar.

Assim, no dia 21 de abril de 1960 eu, quase às vésperas de completar 18 anos, estava em Mariana, na casa de meus pais. A alegre notícia da inauguração de Brasília estava em todos os cantos, em todas as bocas, em todos os jornais e rádios, até na incipiente televisão

(em preto e branco), novidade que ainda não chegara aos nossos pagos. Nunca tivemos TV em casa. Só rádio.

E foi ouvindo o grande aparelho de rádio marca Telefunken, na sala de jantar, que, naquela noite, acompanhamos as festas da inauguração da fabulosa cidade mágica no coração de Goiás. Em casa éramos todos do PSD, todos juscelinistas. Meu pai, Daniel Carlos Gomes, era o Prefeito pessedista da cidade. Meu tio, Celso Arinos Motta, era Deputado Estadual e amigo de Juscelino, que, Governador, vez por outra ia almoçar com ele o leitão pururuca que a empregada afrodescendente Maria Lourença preparava com capricho, perícia e bom tempero.

Meu pai, minha mãe Dorita Motta Gomes, meus irmãos e eu acompanhávamos a transmissão da Missa festiva, na voz patriótica e firme do locutor. Silêncio e emoção na sala. O velho Telefunken parecia flutuar no clima lúdico do notável acontecimento histórico. Quando o locutor anunciou que o Presidente da República chorava, assentado não longe de Dona Sara, a nossa emoção, já à flor da pele, também explodiu. Meu pai, emotivo, dançador de tango e violonista na juventude, puxou o coro das lágrimas. Em efeito cascata, todos choramos numa tremenda emoção cívica. Pai, mãe e filhos, numa pequena cidade no coração barroco de Minas, choraram com Juscelino. Em mim, essas lágrimas ainda não secaram. Uma corrente verde-amarela, com o belo azul do céu de Brasília, saiu do sertão do antigo Goyaz para inundar de júbilo, fé e confiança, a nossa velha cidade colonial. O chororô cívico por certo acontecia em inumeráveis casas brasileiras. Quantos choraram com JK, naquela Missa da inauguração! (A primeira Missa de Brasília, em 1957, foi celebrada por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, primo do meu avô Pedro Teixeira da Motta Júnior.)

Naquela noite, ao pé do velho rádio Telefunken, eu não sabia que, 15 anos depois, casado e com filho e filha, vindo de Belo Horizonte, desembarcaria na Rodoviária do Plano Piloto para morar e trabalhar na Capital que então se inaugurava, no meio das nossas lágrimas.

Vim para Brasília a convite do jornalista Paulo Cotta (primo da minha mulher, Jeanete), então assessor de imprensa do Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli.

Aqui fiz numerosos e leais amigos. Aqui meus filhos foram criados. Aqui nasceram meus quatro netos. Minha mulher e eu, perto de atingirmos as Bodas de Ouro, amamos Brasília. Mais que Patrimônio Cultural da Humanidade, título que lhe é muito caro, honroso e justo, concedido pela Unesco, Brasília é, para mim, a cidade mágica no coração de Goyaz, irmã mais nova de Goiânia, duas grandes realizações do povo brasileiro.

A saga de Brasília continua. JK tornou-se um estadista celebrado. Do alto do Memorial JK, obra que muito deve ao Cel. Affonso Heliodoro dos Santos, hoje com 101 anos, e pilar do IHGDF, Juscelino saúda o seu povo no gesto imortal.

Por tudo isso, aquelas lágrimas de outrora ainda não secaram...

A ARTE A SERVIÇO DE DOCES E AMARGAS LEMBRANÇAS

João Carlos Taveira

O trabalho provém da manifestação cultural de um povo. É um fato. E cada povo, com sua língua e seu *modus vivendi*, apresenta o resultado desse trabalho das mais variadas maneiras. Mas praticamente todas as culturas buscam um só objetivo: a sobrevivência da espécie humana. Para isso fomos feitos. Vem daí a nossa busca incessante de perpetuação na face da Terra. E a certeza da morte é o que nos credencia nesse mister, sem o qual a vida não teria sentido.

E tudo isso me vem à luz em razão de um livro lido recentemente e que me causou verdadeiro impacto, por seu labor meticuloso e também por seu enunciado subliminar: as reminiscências de um homem, de um artista, narradas por ele mesmo. Trata-se de *Becape da Memória*, de Herondes Cezar, publicado em Brasília no último trimestre de 2019. Livro que, a um só tempo, haverá de provocar no leitor empatia e estranhamento, talvez pela organização interna dos temas escolhidos, talvez por sua intrínseca natureza memorialística, numa época em que poucos se debruçam sobre a própria trajetória — para narrar e descrever momentos vividos desde as primeiras tomadas de consciência até a exposição de seu olhar autocrítico, na idade provecta.

Herondes teve a percuciente percepção de sua responsabilidade e uma atrevida postura diante de suas escolhas. Acabou por realizar uma obra de arte, tanto no sentido cultural do trabalho de escrita, quanto no sentido espiritual frente à pequenez da vida de um homem... E isso enriquece muito o seu depoimento, ao ponto de elevar pequenos *flashes* pessoais a descrições que transcendem o cotidiano de uma aldeia como Bom Jardim dos Dias, local onde nasceu, e principalmente Piracanjuba, cidade em que viveu sua adolescência e boa parte da vida adulta.

Um fato marcante que sobressai nessa narrativa autobiográfica é a clareza e a lucidez da memória de seu autor. Herondes consegue perscrutar reações no menino que foi a partir dos dois anos de idade; como também palavras ouvidas nas conversas dos adultos à sua volta, mesmo que sem nenhuma participação efetiva, mas que o marcaram durante toda a sua vida. O texto está repleto de observações oriundas de uma visão aguçada também sobre as reações das pessoas diante de fatos os mais

insignificantes. Mas a essas pessoas Herondes demonstra gratidão e reconhecimento, com toda a modéstia que lhe é peculiar. Exemplo de valores que o tempo, a cada dia, tem soterrado sob os nossos pés...

Nos capítulos que se referem a Goiânia, Brasília e Nova Iorque, o autor se deteve em análises minuciosas de sua trajetória como bancário, de sua formação como pedagogo e também como professor de Português e crítico de cinema. E, nesses recortes cheios de verve e sutileza estilística, encontra-se o melhor da narrativa desse honrado filho de Goiás, porque o texto transborda sarcasmo e ironia ao buscar no reino das palavras o significado exato para cada significante. Puro trabalho artesanal de quem sabe as agruras e desafios que existem nesse nosso “áspero ofício”, no dizer de Almeida Fischer — de saudosa memória.

Nas páginas 175 e seguintes encontram-se alguns artigos sobre cinema, publicados anteriormente no *Jornal Opção*, de Goiânia, e compilados agora no fechamento deste livro de memórias, como um brinde aos méritos estilísticos de seu autor. Fiel retrato da nossa condição humana. Uma vez que são mostrados, com base nos roteiros escolhidos, todo um trabalho de fotografia, direção de arte, argumento, montagem e direção de atores.

Mas, voltando ao livro, digo mais: ali podem ser verificadas algumas pequenas omissões de certas personagens secundárias ou mesmo coadjuvantes, porque entende-se que não alteraria a qualidade da obra no seu todo, ao se constituírem apenas em pecados veniais, de somenos importância. *Becape da Memória* transcende a todo e qualquer esmiuçar de suas entrelinhas, por parte de quem quer que seja, e paira, com a devida contenção histórica, sobre a confissão de um homem bastante reservado e discreto.

O importante é que o propósito central do projeto foi obtido na medida exata, sem exaltação de ego. A narrativa nunca promove o autoelogio do narrador, muito menos sua autocomiseração. Basta-se a si mesma, sem exibição de vaidade ou demonstração de força ou de poder. Mas é justamente essa isenção que torna *Becape da Memória* uma obra de grande valor e de grande interesse, principalmente se considerarmos seu espectro mais ecumênico que local, particular.

A PRINCESA DO SERTÃO

Paulo Fernando Silveira

De Araxá, Dona Beja, ao receber a notícia preocupante, Lança longe seu olhar indagador e penetrante Para o lado do Sertão da Farinha Podre, a oeste, Perscrutando a desabitada vastidão de cerrado agreste E percebe, com inesperado espanto na bela face, Que muito cresceu a comunidade que ali aparece.

Com tristeza e angustiada, sentindo o fim da época [brilhante, Da riqueza fácil dos diamantes, ela reconhece, na hora, Que a linha da fronteira avançou, agora Alcançando o arraial do Desemboque, no horizonte [distante, Não sendo mais pela terra dos índios Araxás delimitada, Mas, pela dos Caiapós, fora substituída e dominada.

Eram esses valentes, corajosos e destemidos [combatentes, Desde tempos imemoriais, com segurança e [tranquilidade, Senhores de um vasto território, de terras férteis e [águas abundantes, Situado entre a margem direita do calmo Rio Grande, [atrás, Até o Pontal na junção com o Rio Paranaíba, de [grande agilidade, Alcançando, do outro lado deste, o sudeste de Goiás.

Raça indômita livre, imponente, de fortes guerreiros, Apenas defendendo a terra ancestral e a prole, [desesperados, Em batalhas constantes, de lances impiedosos e genocidas, (Travadas com Pires de Campos e suas hostes fraticidas De hostis bugres Bororós), pelas quais, mediante [golpes traiçoeiros, Foram, sistematicamente, extintos e dizimados.

O intrépido e valoroso Capitão do Mato, sem hesitação, Cumpriu a ordem do governador de São Paulo, não [camuflada, Para abatê-los um a um, homens e mulheres, sem [perdão, “Sendo tomados às mãos em peleja, os passarão à [espada”, Salvando-se apenas as crianças, para serem escravizadas. Sem distinção de sexo e outras quaisquer diferenças [notadas.

Anos muitos depois, do Desemboque veio designado, O Capitão Eustáquio, futuro Major graduado, Como regente do Sertão da Farinha Podre; pacificador E dos índios desvalidos o seu curador, Com a missão solenemente aceita e assumida De proteger os Caiapós remanescentes, ainda com vida.

Aqui chegando, nas margens do Córrego do Lajeado, Ele construiu um retiro singelo, num lugar abandonado, Cravando, entre as sete colinas, a pedra fundamental, Marco zero da cidade fundada no ermo ocidental: Uberaba – águas cintilantes –, berço de uma avançada [civilização. Conhecida por décadas, como ‘A Princesa do Sertão’.

COMUNICADO

COVID - 19; atividades públicas da ANE

Face ao agravamento, em âmbito pandêmico, do coronavírus, deliberei, ouvido o Conselho Administrativo e Fiscal da ANE, suspender as atividades públicas da Entidade nas próximas semanas, como medida de precaução e, também, de prevenção de possíveis ocorrências de contaminação em nossas dependências.

Trata-se de deliberação tomada a partir de intensa reflexão, considerando a inegável importância que as Quintas Literárias têm na vida cultural de nossa cidade. Por outro lado, não seria razoável desconsiderar a gravidade do quadro de saúde pública que estamos vivendo, o que impõe, a meu sentir, contribuir para evitar

qualquer risco que possa atingir o público porventura presente aos eventos realizados no Auditório Cyro dos Anjos.

Oportunamente, as Quintas Literárias serão reagendadas, contando-se para tal, desde já, com a compreensão e a cooperação dos palestrantes já convidados e agendados pela ANE.

Brasília, DF, 12.3.2020

Fabio de Sousa Coutinho
Presidente

O CABELEIRA E A LITERATURA DO NORTE

Gilmar Duarte Rocha

O Nordeste sempre teve a primazia em produzir escritores de talento, grande estro e vastíssima imaginação. Esse fenômeno não é gratuito, muito menos circunstancial, visto que as terras brasileiras contempladas por múltiplos biomas e localizadas acima do paralelo 15, aqui incluindo o Grão-Pará, foram as primeiras a serem colonizadas pelos portugueses, com incursões pontuais de espanhóis, franceses e holandeses, estes últimos, inclusive, trouxeram na bagagem da sua segunda invasão (termo cunhado sob a ótica do colonizador preponderante, o português) às terras de Pernambuco, uma gama de cultura, conhecimentos, técnicas agrícolas e até industriais. Os neerlandeses pretendiam de fato estabelecer uma civilização nos trópicos americanos e já tinham até nome para a essa possível nação: Nova Holanda. Só para ter uma ideia da severidade do empreendimento, apenas para focar no âmbito cultural, o conde Maurício de Nassau, o prócer governante designado pela coroa de Orange, trouxe uma comitiva chamada de “agência de publicidade”, que consistia de 46 artistas, cronistas e naturalistas. Os holandeses, por motivo que não cabe aqui discorrer, não conseguiram dourar o seu projeto, remanescendo nesses rincões por apenas duas décadas e meia, tempo suficiente, contudo, para espalhar os seus tentáculos culturais do Maranhão até Alagoas. Não obstante a ousadia da iniciativa dos Países Baixos, os portugueses, por motivos óbvios, talvez para consolidar de vez o seu império tropical, passaram a investir mais e mais no vetor setentrional do Brasil, mormente em cidades estratégicas como São Luís, onde o Padre Vieira desembarca dez anos após os holandeses deixarem as últimas pegadas em solo maranhense. O emérito eclesiástico trazia na sua missão jesuítica, além de prescrições estratégicas designadas pela coroa lusitana, a difusão da sua extensa cultura entre os neófitos e gentios habitantes daqueles rincões da colônia. Processos similares se desenvolveram nas outras províncias do Norte, especialmente na Bahia, em Pernambuco, na Paraíba e no Ceará. O hemisfério superior da maior colônia portuguesa, impregnava-se paulatinamente de cultura, embora esse fenômeno, necessariamente, não se traduziria, ao curso do tempo, em progresso econômico.

Literariamente falando, apenas um século e meio depois, ultrapassando, inclusive, todo o ciclo literário chamado de neoclassicismo, onde vates de Minas Gerais como Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa esbanjaram imenso talento durante o curto espaço de tempo de vida que lhes foi permitido, é que começaram a brotar os primeiros frutos do verbo literário do lado norte do Brasil, então na condição de império. Gonçalves Dias chegava à Capital Federal e assombrava os meios acadêmicos com a sua poesia ufanista, romântica, indianista e extremamente inspirada. O trabalho do mestiço maranhense encaixava-se como uma luva no panorama da literatura romântica prevalecente à época. Na prosa, poucos anos depois, era a vez do cearense José de Alencar começar a arrancar aplausos e tornar-se o expoente maior do romantismo, publicando novelas em série, de grande aceitação de crítica e enorme apreciação dos leitores. Uma dezena de anos depois, eis que entra em cena uma personagem também de origem cearense, o escritor Franklin Távora (1842-1888), que questiona a autenticidade regionalista de escritores como Alencar, se propõe a criar a “literatura do Norte”, como ele mesmo justifica “as letras têm, como política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul, abundam os elementos para a formação de uma literatura, filha da terra. A razão é óbvia: O Norte não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro”.

Dando sequência ao pretensso movimento ufanista, que acaba se configurando num levante literário de uma só pessoa, Távora publica, em série, romances regionais como *Os índios do Jaguaribe*, *A casa de palha*, *O casamento no arrabalde*, quando ainda residia em Recife (cidade onde se transferiu com os pais em 1844) e depois, já na sua fase carioca, *O matuto*, *Lourenço*, *O sacrifício* e o mais importante de todos, *O Cabeleira*, que reflete de fato um livro de cunho regionalista, embora alguns críticos o considerem uma concepção de crônicas à guisa de romance.

O Cabeleira, tachado de “uma história de espantar”, embora com estruturação ligeiramente tosca e arremedo de reportagem de época (aqui, na minha modesta opinião), continua atemporal devido à profundidade com que o escritor trata uma história de cangaceiros em meados do século XVIII (muito antes, portanto, do tema “cangaço”

ganhar voga nacional); a rigor, a história de uma família de cangaceiros, composta por José Gomes, o protagonista, vulgo Cabeleira, seu pai, Joaquim Gomes, e um mameluco de nome Teodósio, que aterrorizam os moradores dos arredores da região do Rio Capibaribe, Pernambuco, e resolvem investir contra a Vila do Recife, causando pânico entre os moradores da ainda incipiente cidade. Seguem-se saques, latrocínio, incêndios, carnificina, conchavos, perseguições e retrocesso. O autor, no comando do enredo, parece antever a saga dos cangaceiros do século XX, onde o crime empenhado por homens de espírito rústico e educados para retaliar a condição de miséria em que vivem, flagelando e trucidando os seus concidadãos sem se importar com as consequências e com o poder — sempre soberano — da elite dominante, que não mede forças e recursos em levá-los ao patíbulo e à lâmina afiada da guilhotina da justiça dos fortes.

Talvez aí resida a força do livro de Franklin Távora, que inclusive faz comparação do personagem principal a figuras párias, épicas e românticas: “Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou suas aias cantarem as trovas comemorativas da vida e morte desse como Cid, ou Robin Hood pernambucano, os meninos tomados de pavor, adormeceram mais depressa, do que se lhes contassem as proezas do lobisomem ou a história do negro do surrão muito em voga entre o povo naqueles tempos”.

No fim das contas, o romântico ou realista Távora — dependendo do ângulo por onde se analisa a sua obra — é mais um daqueles autores que não conseguem vivenciar a força da sua quimera, pois *O Cabeleira* passou em branco num período onde a escola realista espalhava as suas garras e o seu ranço se impregnava em tudo que se referia a fabulação. A literatura do Norte a que ele tanto aspirava só viria “vingar” de verdade mais de cinquenta anos depois, com a publicação de *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, a favor do qual o crítico Agripino Grieco se manifestou como “romancista ao Norte”, abrindo então uma trilha que desaguardaria num oceano de grandes livros de escritores setentrionais como Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Amando Fontes e outros.

O cearense Távora, no entanto, nunca foi e nem será esquecido. Sua obra, por mais imberbe e deslocada que seja, continua como parâmetro para estudiosos de literatura em todo o Brasil.

AH, OS DISCURSOS...(*)

Astrid Cabral

Continuação da página 1

Havia um tique que nos deixava indignados e que batizávamos de provocação. A professora confessava, durante longos minutos, a sua incapacidade para a “incumbência” que lhe excedia os méritos, a injustiça de a escolha haver recaído sobre sua pessoa, quando outras muito mais bem-dotadas poderiam melhor desempenhar aquela missão de porta-voz. Era a hora dos “não apoiados”, que papagueávamos em coro, até que um dia resolvemos fazer greve e concordar em silêncio com o ato de pseudomodéstia. Mas até lá já começávamos a botar corpo de gente e preparar o exame de admissão...

Graças a Deus, os tempos hoje são outros. Não mais se castigam crianças com essa retórica,

companheira de réguas e sabatinas. Apenas uma geração moribunda, ainda não vacinada contra “a falácia” dos “ouropéis”, ainda vinga por aí, sem perder ocasião para seu show de grandiloquência. Gera-se então um espetáculo divertido: de um lado, a engravatada gravidade dos oradores, de outro, a plateia descontraída e informal, amordaçando as gargalhadas por força do decoro. Impacientes, remexemo-nos nas cadeiras, face ao fogo de artifício do eruditismo de bolso. A demagogia dá-nos bocejos. Perorações, frases lapidares, circunlóquios são hábitos de um século morto. Carecemos cada vez mais da comunicação direta e rápida. Por isso mesmo o telefone suplantou o correio, por isso mesmo pesamos as tiradas verbais das solenidades públicas, que

embargam nossa ansiedade retardando o espetáculo propriamente dito, os prêmios, a recepção com seus comes e bebes.

Penso sempre na sabedoria de meu filho, ao me pedir que lesse um comentário sobre célebre quadro das cenas de Bruegel. Quando terminei, perguntou-me surpreso, por que haviam escrito aquilo, se bastava um olhar pra gente saber de tudo? Na sua pequenina cabeça, ele já percebia o blefe à expectativa de que as palavras deviam comunicar algo, e que, quando isso não acontecia, elas se tornavam supérfluas e exigiam silêncio.

(*) Do livro *Trasanteontem*

AUTORES E LIVROS ESQUECIDOS – III

M. Paulo Nunes

Iniciamos esta conversa com os autores e livros esquecidos das literaturas estrangeiras e no artigo anterior tratamos dos autores brasileiros. Hoje, falaremos dos portugueses sobre os quais incidiu o mesmo fenômeno.

Toda a literatura portuguesa atual parece estar sujeita a duas influências dominantes, não obstante a presença nela da revolução estética do modernismo – a de Eça e a de Camilo, a exemplo da nossa, em que se acham presentes as duas vertentes da nossa romancística, a de José de Alencar com o romance social ou o romance-espetáculo, como diria Vergílio Ferreira, e a do romance psicológico ou romance-problema, de Machado de Assis.

O modernismo português teve início através da publicação de revistas, como *Seara nova*, *A Águia e Renascença Portuguesa*. Mas é sobretudo, com *Orpheu*, que revelaria o poeta Fernando Pessoa, dos maiores de seu tempo e da língua portuguesa, e *Presença*, esta editada em Coimbra, sob a responsabilidade de João Gaspar Simões, José Régio e Adolfo Casais Monteiro, que o modernismo de fato se evidencia. Casais seria depois substituído por Branquinho da Fonseca, terminando por exilar-se no Brasil, em função de seu anti-salazarismo, passando a colaborar no jornal *O Estado de São Paulo*, nele assinando, durante longos anos, o rodapé de crítica literária.

O movimento de maior ascendência daquela literatura coirmã foi o neo-realismo, nele distinguindo-se autores como Miguel Torga e Ferreira de Castro, ambos tendo vivido longo tempo no Brasil, na fase da juventude e fixando o cenário de nosso país em romances, como *A Criação do mundo*, do primeiro, e *A selva*, do segundo, no qual retrata a vida num seringal da Amazônia, transformando-a em verdadeira obra-prima. Já tratamos desses dois autores em sucessivas notas desta coluna e não

vamos, por enquanto, insistir mais neste tema. A esses agregáramos os nomes de Fernando Namora, autor de obras capitais, como *O trigo e o joio*, *Domingo à tarde* e *O rio triste* e as narrativas de *Retalhos da vida de um médico*, autor que praticamente li todo, o Vergílio Ferreira da primeira fase, a partir de *O caminho fica longe*, com *Vagão “J”*, *Manhã submersa*, *Apelo final*, até *Aparição*, dele afastando-se para revelar-se o romancista do *ser* em conflito consigo mesmo, conforme aparece em *Estrela polar*, *Nítido nulo*, *Para sempre* e cujo último livro – *Em nome da terra*, publicado antes de sua morte, ocorrida há cerca de dois anos, foi-me enviado por sua viúva, D. Regina Ferreira, com afetuosa dedicatória. Com ele cheguei a corresponder-me, pouco antes de seu final, publicando nesta coluna algumas notas a respeito de sua obra, posteriormente recolhidas em livro de minha autoria. Também integrariam esse grupo José Saramago, dos maiores romancistas contemporâneos, merecendo já a esta altura não apenas um, mas dois prêmios Nobel, se a língua portuguesa não fosse o túmulo do pensamento, como dizia Machado de Assis, José Rodrigues Miguéis e Soeiro Pereira Gomes, autor do romance *Esteiros*, que o fez penar nas malhas da polícia salazarista. Em relação ainda ao neo-realismo, há a assinalar um fato curioso em sua história, qual o da influência de torna-viagem, reconhecida por seus intérpretes, ou seja, a do moderno romance brasileiro, o chamado romance de 30, sobre o romance português daquela época.

Quanto aos poetas (e o modernismo português, como o nosso, foi um movimento sobretudo de poetas), citaríamos José Régio, com os *Poemas de Deus e do diabo* e *Encruzilhada* e os romances *O jogo da cabra cega* e *O príncipe com orelhas de burro*, Antônio Boto, com as *Canções*, Mário Sacramento e Mário de Sá Carneiro. Todos esses hoje, salvo o caso

de Boto, dado o acento camoniano do lirismo de suas canções, solenemente esquecidos.

E dos simbolistas Camilo Pessanha, Teixeira de Pascoais, Eugênio de Castro e Antônio Nobre, este último o “ai Jesus!” dos plumitivos da *belle époque*, quem ouve ainda falar, fora das salas de aula? Todos esquecidos, dormindo profundamente, como no poema de Bandeira.

Dos romancistas, salva-se quem? Ferreira de Castro é hoje em dia muito pouco lido, não obstante a presença, em seu acervo literário, de obras-primas como *A lâ e a neve*. De João Gaspar Simões, que conheci já velhinho, em Brasília, em casa do amigo Alberto da Costa e Silva, e autor da mais completa biografia de Eça – *Vida e obra de Eça de Queiroz*, de que possuo a 3ª e a 5ª edições, e também autor de um romance de época – *Elói ou o romance numa cabeça*, talvez subsista apenas o crítico e o biógrafo admirável. Torga subsiste pelo fato de ser um dos maiores prosadores da língua, sobretudo como contista, com os seus admiráveis *Contos da montanha* e *Novos contos da montanha*. De Fernando Namora, tão badalado até recentemente, após a morte, em 87, pouco ainda se fala. Como também Vitorino Nemésio, poeta, crítico e romancista, que igualmente conheci em Brasília, na UnB, que somente é lembrado, hoje em dia, por seu belo livro, obra-prima da literatura portuguesa, *Mau tempo no Canal*, também aqui já referido.

Continuam presentes, assim, Vergílio Ferreira, que tem a sua corrente de leitores entre os existencialistas e aqueles preocupados com os problemas do ser em conflito, e o grande Saramago, este por enquanto dominando o panorama literário dos povos de língua portuguesa como autor da moda. Que ela demore um pouco e não seja efêmera, como todas elas, pois, ao contrário, como diria Machado, esta é a glória que fica, eleva, honra e consola.

INTELECTUAIS

Diogenes da Cunha Lima

Não me considero um intelectual, mas convivo, permanentemente, com eles. É convivência difícil, mas, ao mesmo tempo, agradável e enriquecedora.

É certo dizer que os intelectuais são as antenas da raça, antecipadores do futuro, libertários, usuários das mídias, reveladores das mazelas sociais. Por isso, são incômodos a regimes autoritários. Indesejados, reprimidos. Só se sentem à vontade na democracia, no estado de direito, onde se respeita a liberdade de opinião e de escolha.

É quase impossível fazer um conceito exato porque pensadores são, naturalmente, dessemelhantes. Entretanto, sua caracterização é feita desde os mais antigos filósofos gregos. A vida intelectual difere da outra – por falta de palavra precisa – dita vegetativa.

Certas virtudes e poderes dos intelectuais são notados. São pessoas criativas, cerebrais, as mais das vezes, ensimesmadas, teóricas, pouco afeitas à prática do dia a dia, que duvidam e questionam

as “verdades” estabelecidas. Alguns ineptos se julgam mesmo criaturas superiores ao comum dos mortais.

Com toda certeza, o maior dos intelectuais potiguares, Luiz da Câmara Cascudo, era homem humilde e valorizador dos humildes, da sabedoria do povo, da cultura popular.

Com os intelectuais aprendo a harmonia das coisas superiores. Adoto as suas inquietações de espírito, tenho a curiosidade como motora da aquisição do conhecimento.

É possível notar que os intelectuais são extremados nas suas predileções. Consideram *geniais* os seus ídolos literários e artísticos. Identificam-nos como moralmente irrepreensíveis.

Os pseudointelectuais são seres aborrecidos. Aprendem a repetir frases de efeito, citam autores fora do contexto, têm ar enfatuado, fazem pose de quem está fumando um cachimbo virtual. Falsamente comiserados, assumem fisionomia penalizada com o ser e estar dos pobres.

Joãozinho Trinta foi dançarino e campeão das melhores escolas de samba do Rio de Janeiro. Distinguiu-as com as exibições monumentais, riquezas de formas, cores e histórias. Tornou-se célebre a sua frase: “O povo gosta de luxo. Quem gosta de miséria é intelectual”.

Nos dias de hoje, parece que a vida intelectual está diminuída em todo o planeta. Até a França, de inegável liderança cultural, está convulsionada com manifestações de protesto, greves, tristezas. A inteligência e a cultura fragilizadas. Pierre Vermeren, professor de história contemporânea da Universidade de Paris, constata a decadência intelectual “no País de Montaigne, Pascal, Michelet, Claude Levi-Strauss, Raymond Aron”. O país parece esquecer a sua grandeza, deplora. Cultua-se “personalidades tóxicas”, sexualidade, agressões e violência. Já não se faz reflexão sobre o senso da nossa breve existência terrestre.

Nestes tempos áspers, a humanidade carece, mais e mais, de intelectuais. São difíceis, mas imprescindíveis.

CESÁRIO VERDE, PRECURSOR DO MODERNISMO

Adelto Gonçalves

I

O poeta Cesário Verde (1855-1886) teve uma vida breve, mas viveu o suficiente para produzir uma obra que até hoje fascina críticos e leitores de bom gosto. Essa obra, que andou por muito tempo dispersa, agora pode ser encontrada em um só livro por iniciativa de um professor, crítico literário, poeta, romancista e contista brasileiro, Ricardo Daunt, autor de *Obra Poética Integral de Cesário Verde*, publicada em Portugal em 2013 pela Dinalivro, de Lisboa, depois de ter sido lançada no Brasil em 2006 pela Landy Editora, de São Paulo, em edição (hoje esgotada) que teve o apoio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Profundo conhecedor da obra do poeta, Daunt é autor da tese de doutoramento “Cesário Verde: um trapeiro nos caminhos do mundo”, defendida em 1992 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), trabalho revisto em 1993, com um novo título: “Cesário Verde: um poeta no meio-fio do paraíso (estudo literário)”. Ao reunir a produção poética (na íntegra e sem falhas) de Cesário Verde, Daunt preparou também uma tábua cronológica que procura reconstituir o que teria sido a vida do poeta, ao mesmo tempo em que assinala os principais fatos acontecidos em Portugal e no mundo durante os 31 anos de sua curta existência.

Do livro constam ainda cartas pessoais escritas pelo jovem poeta a amigos e outras comerciais do tempo em que trabalhava na loja de ferragens do pai, que estava situada à Rua dos Fanqueiros, na Baixa Pombalina, em Lisboa, e, mais tarde, a partir de 1874, numa propriedade rural da família em Linda-a-Pastora. É de se ressaltar que da biografia do poeta já se havia ocupado o bibliófilo João Pinto de Figueiredo (1917-1984), autor de *Álbum de Cesário Verde* (1978), com fotografias e cartas inéditas do poeta, e *A vida de Cesário Verde* (1981).

Ricardo Daunt, na apresentação que escreveu para a própria obra, observa que a produção poética de Cesário Verde antecipa Henri Bergson (1859-1941) e Edmund Husserl (1859-1938), “pois toda ela se fundamenta na bipolarização da vivência intencional, e que no entanto também se encontra questionada pelo caráter transrealista do poeta que almeja a transcendência, a dimensão do absoluto”. Em seguida, observa que Cesário Verde, à maneira do individualismo de Friedrich Nietzsche (1844-1900), formula um solitário herói andarilho, “testemunha de um mundo em transformação radical”, ao lado de um humanitarismo proudhonista que o leva “a atentar para as questões contingenciadas pela condição imanente”.

Para Daunt, Cesário Verde, embora tenha sido pouco lido e muito pouco compreendido em sua época, não só revolucionou a poesia portuguesa “com um timbre e intensidade raros no Portugal

do século XIX”, como tornou-se um precursor da poesia que seria praticada no país no século XX, a ponto de ter sido reverenciado pelos modernistas. Basta dizer que Fernando Pessoa (1888-1935) o considerava um mestre e que reflexos de sua obra são sentidos em peças poéticas dos heterônimos pessoanos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Bernardo Soares, que, inclusive, chegam mesmo a citá-lo em seus poemas.

Na verdade, o seu estilo impressionista, perpassado por motivos prosaicos, difere de tudo o que se conhecia por poesia no Portugal do século XIX, como se pode constatar pela leitura deste excerto do poema “Nós”, publicado em 1884 na revista *A Ilustração*, de Paris, e que reproduz o ambiente de terror vivido em Lisboa por ocasião da epidemia de cólera:

Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre/ E o Cólera também andaram na cidade, / Que esta população, com um terror de lebre, / Fugiu da capital como da tempestade. / Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas / (Até então nós só tivéramos sarampo), / Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas / Que ele ganhou por isso um grande amor ao campo! / Se acaso o conta, ainda a frente se lhe enruga: / O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos; / Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos / Morreram todos. Nós salvamo-nos na fuga. (...).

II

Cesário Verde, filho do lavrador e abastado comerciante e ferrageiro José Anastácio Verde (1813-1888) e de sua mulher Maria da Piedade David dos Santos (1821-1890), estreou na literatura, aos 18 anos de idade, publicando versos no *Diário de Notícias*, de Lisboa. Entre 1874 e 1875, publicou vários poemas em outros jornais e revistas e passou a fazer parte da confraria que se reunia no café Martinho, frequentado por António Gomes Leal (1848-1921), João de Deus (1830-1896), Ramalho Ortigão (1836-1915) e Eça de Queiroz (1845-1900), entre outros literatos.

Foi atacado no jornal *Diário Ilustrado*, respondendo com uma sátira. Ramalho Ortigão criticou-o sem entendimento e com arrogância. Durante o ano de 1876, publicou com menos frequência e nos anos que se seguiram continuou a ser alvo de mais críticas e maior incompreensão. Em 1880, publicou “O Sentimento dum Ocidental” em “Portugal a Camões”, número especial do *Jornal de Viagens*, do Porto, no âmbito das comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões (c.1524-1580).

Em 1877, começou a apresentar sintomas de tuberculose pulmonar, doença que já tinha levado a sua irmã Maria Júlia Verde (1853-1872) e posteriormente seu irmão Joaquim Tomás Verde (1858-1882). Em 1885, o seu estado de saúde começou a agravar-se, vindo a morrer em 19 de julho de 1886. Em 1887, Silva Pinto (1848-1911) publicou *O Livro de Cesário Verde*, reunindo seus

poemas, com uma tiragem de 200 exemplares, que não chegaram a ser postos à venda.

III

Ricardo Daunt é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), com dois pós-doutorados realizados fora do Brasil. Um deles sobre o Modernismo de Portugal, que resultou em vários trabalhos sobre a revista *Orpheu*, lançada em 1915 por um grupo liderado por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). O outro sobre Thomas Stearns Eliot (1888-1965) e Fernando Pessoa, que resultou em *T. S. Eliot e Fernando Pessoa: diálogos de New Haven*, ensaios (São Paulo, Landy, 2004).

Foi professor na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e na Universidade Federal do Rio Grande Norte (UFRN) e professor visitante na Yale University (EUA). Como ficcionista escreveu *O romance de Isabel* (São Paulo, Novo Século, 2013), terceiro volume de uma trilogia que começa com *Manuário de Vidal* (Codecri, 1981) e prossegue com *Anacrusa* (Nankin, 2004), e *Migração dos Cisnes* (São Paulo, Global, 2010). Tem concluído um novo romance: *Adamastor Finkel: entre a sombra e a luz*. É coautor do romance *A muralha da China* (São Paulo, T.A. Queiroz, 1982), em parceria com Álvaro Cardoso Gomes.

Publicou ainda os livros de contos *Juan* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1975), *Homem na prateleira* (São Paulo, Ática, 1979), *Endereços úteis* (Rio de Janeiro, Codecri, 1984) e *Poses* (São Paulo, Via Lettera, 2005) e os livros de novelas *Grito empalhado* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979) e *Blake versus Claude* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990), entre outras obras.

Obra Poética Integral de Cesário Verde (1855-1886). Texto definitivo, com organização, apresentação, tábua cronológica e cartas reunidas por Ricardo Daunt. Lisboa, Dinalivro, 258 págs., 2013, 16,96 euros.

VIGÍLIA

Alberto da Costa e Silva

Quando as lágrimas vêm, em vão fugimos do que em nós faz o amor, em vão tecemos vestes para cobrir o corpo nu, que se nutre do pranto, humilde e humano. Fazemos nosso leito. A mesa pomos. O rosto se derrama em nossas mãos. Queremos repartir a fome e o sono. Vivemos nossa espera, enquanto, mudos, fluímos para o encontro e retornamos à infância, mansa páscoa, frágil vime. Não mais somos nós mesmos; somos mais do que nós mesmos ou alguém mais puro, um sonho de não ser, ah, sendo e amando.

CORREÇÃO OU VERDADE NA ARTE - II

Flávio R. Kothe

É Do herói da liberdade da natureza do gênio ele enxerga lacunas, defeitos e erros na produção do passado e do seu tempo: isso o leva a produzir algo diferente, contraposto. Como tal, ele foge ao parâmetro vigente. Tanto pode ser admirado por pessoas com a mente aberta como pode ser condenado ou ignorado pela maioria. A pior condenação não é ele ser criticado: assim ao menos sua obra é comentada. A pior é ele ser ignorado. Muito ruim também é a mídia badalar novos autores como se fossem grandes, quando apenas são medianos com alguns cacótes que os identificam.

Ao declarar o gênio como corporificando o exercício da ideia de liberdade, Kant deu uma sustentação filosófica para a inovação na criação artística (o que levou ao romantismo e aos movimentos de vanguarda), mas evitou discutir a situação real do artista (ou do pensador), as repressões que ele sofre. Naquela época, a burguesia passava a comprar obras de arte e se gerava um mercado da produção artística, com galerias, ateliês de venda, marchands, editores, empresas de arquitetura, etc. Ele evitou também discutir a relação do artístico (que deveria poder não ser belo) com o pio, honesto, decoroso. Ele conhecia o problema, estudou Baumgarten, usou-o para dar aulas: não o aprofundar é um sinal de que o problema era mais premente do que parecia. Ele tomou o partido da liberdade, mas sem denunciar a coerção. Afinal, ele era um monarquista, que admirava Frederico II como O Grande. Não era um republicano nem um democrata, embora fosse contra a tirania.

Se o pio for acreditar em deuses romanos ou cristãos, em deuses afros ou indígenas, tudo vai fazer diferença na elaboração artística e na vivência estética. Se uma virtude é a “fortaleza”, ou seja, a coragem de não arredar pé numa situação difícil de batalha (o que significa tratar de matar tantos inimigos quanto possível), isso não é o mesmo que o cristianismo ter na ovelha o seu símbolo, ou seja, a docilidade, a submissão, a não agressividade, o espírito de rebanho, a obediência. Isso vale tanto para obras que exaltem certa virtude ou outra antitética quanto vale para o modo como são recebidas as obras produzidas nesse espectro. O que em uma época representava uma divindade, em outra vai ser apenas uma bela mulher ou um forte guerreiro. A obra passa do âmbito religioso para o estético porque mudou o parâmetro do religioso. Subjacente à estatúria e arquitetura dos deuses greco-romanos pode estar a exaltação da raça patricia, em detrimento dos escravos.

O que se está tendo aí é um julgamento conforme parâmetros. Isso não tem a ver com a verdade e sim com a correção. Confunde-se uma com a outra. E elas não são idênticas. A verdade é mais complexa que a correção. Tem-se aí implícita uma concepção habitual do belo como “expressão sensível do correto”, mesmo que se apresente como sendo expressão da verdade ou da ideia ou da alétheia (exatamente por não ser, precisa se apresentar como se fosse).

Esse é o padrão que mais prepondera na circulação e no fomento da arte. Ela continua sendo antes uma submissão a padrões de correção que de busca da verdade. Esta costuma ser desagradável, dolorosa, difícil de aceitar. É mais fácil ficar com o correto, que costuma ser captado com agrado, sem forçar o pensamento, apoiado pelos grupos. O

“correto” não precisa ser apenas aquilo que o filisteu, o burguês, o carola, o autoritário, o dogmático e similares dizem ser. Ele pode se dar no perfil de certa moda, de um grupo com uma bandeira sexual, de um tipo de vanguarda, de uma confraria de adeptos de um partido e assim por diante.

Fundamental há de ser aí distinguir entre o verdadeiro e o correto, para ver depois se a arte realmente precisa se pautar por essa diferença. Supõe-se que o verdadeiro esteja ligado ao que é livre, pois o correto repete vetores e impõe paradigmas sem ser capaz de questioná-los. Somente aquilo que resiste a uma verificação crítica e se mostre não se basear em meras crenças e posturas dogmáticas é que poderia estar aberto a uma razão crítica. O problema é que há quem se considere muito aberto, e até certo ponto pode ser, sem ser capaz, contudo, de questionar onde ele próprio emperra no dogmatismo de que ele não sabe que sofre.

Schelling e Heidegger trataram da questão da liberdade como essência não apenas humana e sim da verdade. Para que se tenha a máxima apreensão de um objeto, tanto é preciso que o sujeito tenha em si a abertura para que o objeto se mostre em suas peculiaridades, sem que se imponha a ele o que o sujeito quer ou gostaria que ele fosse, como o próprio objeto deve ter a liberdade de se mostrar em sua totalidade. Ele nunca se mostra plenamente assim como nunca o sujeito vai conseguir apreender a totalidade do objeto. Trata-se, portanto, de uma liberdade relativa, pois a absoluta estaria presa à hipótese de uma onisciência, tanto do que é quanto do que foi, será e poderia ser, que é impossível ao homem.

Há, porém, pessoas que captam melhor certas situações existenciais, sendo mais capazes do que outras. São os “gênios”. O captador do “correto” se forma na escola – e a escola pode ser uma empresa, uma banda, um parlamento –, mas o gênio é aquele que consegue ir além do que seja a captação do correto feita pelo talento, mesmo que bem formado. O gênio também precisa dessa formação, pois se não ele não conseguirá produzir uma obra que exprima a sua capacidade superior. Essa superioridade tende a não ser aceita pelos que estão próximos, pois é vista como uma forma de diminuí-los, de fazer o que não é bem aceitável, bem aceito.

Para outros próximos, o gênio está errado, ele é um monstro. Esse é um tema central na história literária, a associação de antitéticos: O médico e o monstro, Frankenstein e tantos outros. Isso tem um paralelo recôndito no tema romântico do casamento por conveniência versus morrer de amores por alguém. Esse morrer pode se tornar literal: Werther, Nana, La Bohème, etc. A questão é o que se faz com a liberdade se ela tende a transgredir regras. Manter-se dentro das regras pode não garantir felicidade, mas quebrá-las também não.

O herói trágico tenta fazer tudo certo e, quanto mais faz, mais constrói a desgraça sua e de quem lhe é caro. Ele corporifica a ideia de liberdade, mas ela se choca com a realidade, que se mostra mais forte. Ele tanto mais corporifica a idealidade da ideia quanto mais a realidade faz com que fracasse. Liberdade só tem sentido como contrapartida à coação, ao interdito, ao tabu, à prepotência, mas ela não pode só se afirmar como negação daquilo que ela nega, pois então ela

não poderia ultrapassar seu horizonte, ficaria sob a coação do que a coage a agir e faria sempre o jogo do inimigo. Ela precisa arranjar um espaço outro, além, transcendente, que escape ao que é imposto.

A verdade se diferencia da mera correção porque ela percebe os limites dos vetores que ditam seus paradigmas. Só fazer algo diferente para dizer que quer “épater le bourgeois” não garante que se faça uma boa obra. Também não basta seguir o script de um manifesto de vanguarda. Não há receita para o belo. Há, porém, receitas para o correto. É o que acontece na pintura religiosa, em que o manto da Virgem Maria tem de ser de certa cor e a modelo tem de ser uma italiana. Isso vale para qualquer estetização do correto. A arte começa em outro nível.

DO LAR

Noélia Ribeiro

Não me mate agora
Preciso arrumar os quartos
Passar o uniforme do Juninho

Não me mate agora
Preciso deixar o almoço pronto
Regar as bromélias

Não me mate agora
Ainda tenho muito que fazer

Mate-me sim à tardinha
E livre-se das evidências
Não quero estranhos em nossa casa
Importunando você

SALAS DE ESPERA

Ronaldo Costa Fernandes

A espera tem várias salas.
As ruas estão cheias
de antessalas.
Em cada tabuleta
se apresenta uma solução
para a moléstia do dia.

A pior antessala não tem
atendente.
Quem sabe do outro lado
inexista quem nos atenda
se obscura na especialidade
dos absenteístas.

Minha especialidade
é ser paciente
e nunca me enervar
com as ausências.

Uma boa porta
é feita metade de madeira
e outra metade de surdez e dúvida.

RUI E A ÁGUIA

Manoel Hygino dos Santos

Cinco de dezembro é Dia Nacional da Cultura e, há dois anos, a Associação Nacional de Escritores, homenageou Rui Barbosa, pois também é seu aniversário. O presidente da entidade, Fabio de Sousa Coutinho, lembrou a data, nas Quintas Literárias de 2017, em Brasília. Evocou a memória do monumental advogado, político e intelectual baiano, cuja atuação tanto eleva nossa terra. Ao ensejo, apresentou o orador do mês, o embaixador Carlos Henrique Cardim, diplomata e cientista político, aplaudido especialista na produção cultural ruiana.

Para o palestrante, Rui Barbosa, embora figura das mais citadas e referenciadas, ainda é um enigma. Registrou que, embora haja 167 volumes contendo sua obra, ele jamais escreveu um livro. Cardim observou: “O que se publicou são palestras, conferências, pareceres e prefácios”. Citou, à guisa de curiosidade, que ele traduziu um livro, “O Papa e o Concílio”, no qual o prefácio é maior que a própria obra”.

E os temas se misturam nas obras de Rui. Sua posição sobre os Estados Unidos, por exemplo, está ao lado de exposição crítica sobre o divórcio. Haveria muito a contar. O palestrante Cardim, com formação em sociologia, registra que Rui nunca foi muito prestigiado na sua faculdade. Afirmou: “Eu só vim conhecer Rui, reconhecer Rui, quando estava no Itamaraty, a partir de um trabalho do Santiago Dantas, em que ele mostrou a faceta desenvolvimentista de Rui. Ele foi o primeiro ministro da Fazenda que o Brasil teve na República e tentou industrializar o Brasil, o que não é pouca coisa. Ele foi contra todo um ciclo de pensamento, de interesses que defendiam, logicamente, um modelo agrícola exportador e quis implantar a indústria”.

Observou ainda Cadim: “E depois dizem que Deus é brasileiro. Não é. Tanto que eu mesmo, em debate com o professor Delfim e o Sérgio Amaral, disse o seguinte: Deus é mais norte-americano. Aliás, Bismarck costumava dizer que a divina providência de Deus tem uma especial predileção pelos tolos, pelos bêbados e pelos Estados Unidos”.

Rui Barbosa permaneceu pouco tempo no Ministério da Fazenda: oito, nove meses, por aí. Não aguentou as pressões numa situação sobremodo difícil. Enfrentou problemas e inimizades. No Brasil, à época, ou se era pró-Rui ou anti-Rui. Nada de meio termo.

Houve um embaixador do Brasil na ONU, antes reitor da USP, ruista doente. Ernesto Leme era seu nome. Numa conferência, ele lembrou o grande baiano como se fora de todos conhecido: Rui para cá, Rui para lá, a Águia de Haia, como apelidado. A certo ponto, um embaixador inglês, muito sarcástico, perguntou ao colega brasileiro: “Embaixador, but who is this Birdman, que voa por todos os lados? Quem é esse homem Águia?”

Recordou-se mais: o plenário do Senado em Brasília tem apenas dois bustos, de Jesus Cristo e Rui Barbosa, este “uma figura quase santificada à distância”, acrescentou Cardim. “O Rui sofreu uma série de interpretações, as mais variadas e todas muito bem fundamentadas, mas como diz o Santiago Dantas (acho que ele foi quem mais estudou e colocou Rui em termos modernos, mostrando o lado não só progressista do Rui Barbosa, mas o verdadeiro), o Rui Barbosa foi realmente, no final da vida, só podia chamar um social liberal alinhado com o trabalhismo inglês totalmente. Somente agora estamos chegando a uma certa serenidade para poder ter uma visão clara”.

ESTUDOS LITERÁRIOS

Fernando Py

O presidente da Associação Nacional de Escritores – ANE, Dr. Fabio de Sousa Coutinho, fez chegar a esta seção o volume *Quintas Literárias 2018* (Brasília: Editora Otimismo, 2019). O livro compreende diversos estudos, ensaios e entrevistas, em organização de Sônia Helena Taveira de Camargo Cordeiro. Todos os escritores e textos aqui acolhidos têm prefácio do Presidente da ANE. O volume abre com o texto de Antônio Carlos Secchin sobre ‘O amor em Chico Buarque’, vem, a seguir, o estudo de Vladimir Carvalho ‘Cinema e literatura’, onde o autor, além de fazer um histórico bastante elucidativo do Cinema Novo, esabelece alguns dados pessoais e contribui para uma retomada de visão de certos ícones do cinema europeu, principalmente Vittorio de Sica e os luminares do cinema russo. A ‘Conversa com João Almino’, da Academia Brasileira de Letras, feita por Paulo José Cunha, exalta a preocupação com a verossimilhança, presente em todos os seus romances, sobretudo a psicologia da personalidade feminina. No texto ‘Abílio e Manoel de Barros: dois irmãos pantaneiros’, Raquel Naveira analisa a obra de Abílio de Barros, irmão caçula, bem como a do conhecido Manoel de Barros, ambos sul mato-grossenses. Por sua vez, Wilson Pereira, no texto ‘Pablo Neruda: o poeta-tenor do Campo Geral’, se inclina sobre o poeta chileno, estudando-lhe cuidadosamente vida e obra. Dos

estudos que se seguem, destaco especialmente os que avaliam os poetas Manuel Bandeira e Cecília Meireles, o romance *Crônica da casa assassinada* de Lúcio Cardoso, a romancista Rachel de Queiroz e o poeta Olavo Bilac. Em ‘Palestra-recital: Manuel Bandeira e a vida que podia ter sido’, Luiz César Costa analisa a vida e a obra poética de Bandeira, e transcreve grande cópia de poemas do pernambucano. Em ‘Rachel de tantas Marias’, a organizadora Sônia Helena analisa especialmente a obra ficcional da escritora. No ensaio ‘Lúcio Cardoso: Crônica da casa assassinada’, Vera Lúcia de Oliveira analisa prioritariamente o problema de Eros e Thánatos: amor e morte no romance, obra-prima do escritor. Adiante, Lina Tâmega Peixoto analisa ‘As projeções do Barroco na poesia de Cecília Meireles’, e Anderson Braga Horta estuda alguns detalhes da poesia de Bilac em ‘Ouvindo estrelas’. E podemos acrescentar alguns textos comemorativos de importância: ‘Outorga do título de Cidadão Honorário de Brasília ao Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho’, ‘Apresentação e lançamento do livro *Nossas Horas Felizes*, da escritora sul-coreana Gong Ji-Young’, ‘Mulheres na literatura brasileira’, de Margarida Patriota, e o texto final: ‘Cerimônia de encerramento e premiação do III Concurso de Ensaio de Literatura Coreana em Brasília’, com as palavras do ministro coreano Kwon Youngseup. O volume é uma obra de destaque e merece ser lido na íntegra.

Livros de

KÁTIA LUZIA LIMA FERREIRA

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação – reflexão”.
Paulo Freire



T SARA



PROFISSIONAL DE ALTA PERFORMANCE



MANUAL DE COACHING



PROFESSOR UM PROFISSIONAL TRANSFORMADOR



PETITA



VIVENDO MAIS UMA VIDA



O SANGUE DO DRAGÃO

CONTATOS COM A AUTORA:
E-mail: katiallf@hotmail.com
Telephone: 99199-0764

O MÉDICO

Raquel Naveira

Há pouco tempo, minha mãe partiu. As cenas dela no hospital, entubada, oculta por uma cortina azul, não saem de meu pensamento. O médico explicou-me que a situação era irreversível. Depois, em tom baixo, deu-me um conselho: “_ Se puder, venha visitá-la em todos os horários e ore por ela. Isso faz diferença.” Impactada por aquelas palavras, obedeci. Um médico solidário, ético, refleti.

De repente, de um canto de minha memória, saltou a imagem de um quadro num consultório antigo: “O Médico”, do pintor inglês, Sir Samuel Luke Fields. Tratava-se de uma cena familiar. Uma casa simples, uma menina de cabelos encaracolados, enferma, pálida, febril, desmaiada num catre amparado por cadeiras desconstruídas. O médico contemplando a criança, intrigado, tentando um tratamento, perplexo diante do mistério da vida e da morte. A mãe ao fundo, debruçada, chorando sobre a mesa, temendo o pior. O pai de pé, aflito, estendendo o braço em direção à mulher. Tudo nas sombras. Um abajur aceso, uma janela deixando entrar os primeiros raios de sol, os raios da esperança. Dizem que Fields pintou esse quadro inspirado na dolorosa experiência da perda de seu filho. O médico lembra mesmo o próprio Fields. Um quadro icônico, idílico, retratando os valores do médico ideal que se relaciona com o paciente com cuidado, compaixão, empatia pela dor. Parecido com o médico do quadro, aquele que manteve

a sua humanidade para comigo e minha mãe, mesmo numa instituição de poder, um hospital tão grande e frio.

O Dr. Helio Begliomini, conceituado urologista paulistano, fez uma pesquisa interessante: o território comum entre a medicina e a literatura. O seu livro *Esculápios da Casa de Machado de Assis* é um levantamento dos médicos que fizeram parte da Academia Brasileira de Letras. Esculápio é sinônimo de médico. Era o deus da medicina na mitologia grega. Foi esculpido segurando um bastão com folhas e uma serpente enrolada, símbolo da arte da cura, dos segredos das poções, dos venenos, dos antídotos e ervas.

O médico-escritor Moacyr Scliar comenta no prefácio dessa obra que há mesmo pontos de ligação entre essas atividades, pois nada é mais revelador da condição humana do que a doença. Quando a pessoa está gravemente doente, caem suas máscaras e ela se revela tal qual é. A literatura usa a palavra como instrumento estético. A medicina também usa a palavra como forma de investigação, comunicação, terapia. Se “de médico e de louco todo mundo tem um pouco”, pode-se afirmar então que de artista e de escritor, todo médico tem um pouco. No Brasil, a lista de médicos-escritores inclui Joaquim Manoel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, Jorge de Lima, Guimarães Rosa, Pedro Nava. Médicos que liam e escreviam, talvez na hora do crepúsculo.

“Pensar é estar doente dos olhos”, disse Alberto Caetano. Todas as coisas belas do mundo são filhas da doença. O homem cria a beleza como remédio para sua doença, como bálsamo para a melancolia, a angústia, a depressão, o medo de morrer. Toda arte é fruto de sofrimento. É o preço que se paga para alcançar a beleza. E como temos fome de Beleza!

Não esqueçamos do grande médico que foi o apóstolo Lucas. Dedicou-se à missão nobre de curar. Sendo sírio, estudou Medicina com os sacerdotes babilônios que utilizavam as forças magnéticas, os poderes de estranhas pedras que absorviam o câncer e os tumores, o hipnotismo, a prática psicossomática. Esse saber foi destruído com o incêndio da Biblioteca de Alexandria. A medicina e a ciência da era moderna estão começando a redescobrir essas coisas. Se a ciência da Babilônia tivesse chegado aos nossos dias, o conhecimento do homem seria muito mais avançado. Lucas jamais viu Jesus, mas estava certo de que Ele era o médico dos médicos. Tudo quanto está escrito em seu Evangelho foi adquirido através de fontes, ouvindo testemunhas como a mãe de Cristo e os seus discípulos. Essa história é relatada no romance *Médico de Homens e de Almas*, de Taylor Caldwell.

Os opostos não são inimigos, são irmãos. A vida é uma chegada e uma despedida. Conforme o médico previra (o nome dele era André), naquela que seria a última visita, a cabeça de minha mãe caiu como um fruto em minhas mãos.

ELA, ELE, AÍ, SEGUE

Mauro de Albuquerque Madeira

A catástrofe, *ela*, o desastre, *ele*, todos *seguem* imóveis *aí*, despreparados para a notícia, e lá se vão três ou quatro vícios de linguagem, ou solecismos, que os repórteres de tv e rádio espalham pelos ares, transformando sujeitos da oração em apostos, advérbios de lugar em partículas expletivas inúteis e cacofônicas, o verbo *seguir* em monopólio da frase, já que continuar, permanecer, estar etc. foram expulsos da elocução. Só se ouve ele, ela, aí, segue..., como se os ouvidos tivessem que se tornar receptáculos de frases entrecortadas, de soluções de voz que substituem conceitos, de trejeitos verbais que incomodam o raciocínio e destroem sua fluência. Não sei que moda besta é essa de encher as frases com *ele, ela, aí, segue*, como pigarros irritantes da carência de continuidade verbal, que destrói a harmonia sonora que deveria acompanhar os períodos. A elocução de uma notícia ou comentário se torna um gaguejar de lugares comuns, cuja pobreza se estampa na repetição de *aí, ela, ele*, e todos *seguem*, mesmo que se trate de um doente acamado, um defunto, que necessariamente não *segue*, mas sim, está, ou permanece, ou continua parado, estabilizado na estase da paralisia momentânea ou perpétua.

As modas de elocução ou de viver são maneiras estáticas de repetir hábitos, que se tornam vícios, quando não têm razão de ser, ou quando se

transformam em cacofonias ou barbarismos mentais. E não aparece nenhum editor de rádio ou de tv de bom gosto para coibir tais manias e proibir tais repetições. Parece que os seres humanos se agarram à lei do menor esforço e tendem a repetir hábitos, sem se incomodar de verificar sua procedência e pertinência. Os erros tendem a perpetuar-se, e talvez essa seja a causa de tantas exceções que se consagram entre as regras gramaticais. Alguém erra, outro repete, e a exceção vira regra, ou se acomoda ao lado dela. O *aí* já se consagra, e ninguém mais conseguirá falar na tv ou no rádio, sem encher as frases com a repetição dessa esdrúxula partícula monótona, cacofônica, e sem soltar os *ele* e *ela* pra todo lado, e sem *seguir* parado na pobreza verbal.

Outra cacofonia gramatical ou de estilo é o uso abusivo do gerúndio de origem inglesa: *eu vou estar comprando, ele vai estar vendendo*, em vez do mais simples e eufônico: *eu vou comprar, ele vai vender...* Parece que as pessoas estão indecisas quanto ao presente ou ao futuro próximo, ou estão com dificuldade de elocução, e preferem gaguejar perífrases de mau gosto, vícios de linguagem de tanto estudar inglês ou viajar para Miami e Nova York.

Antigamente os gramáticos lutavam contra os galicismos, combatendo a influência da língua francesa. Agora somos dominados pela hegemonia cultural

e tecnológica da língua inglesa e da informática, do celular, da internet, do Netflix, do Facebook, do Instagram e das redes sociais que entopem os canais eletrônicos e digitais de informação e comunicação.

Nós nos acostumamos com o uso coloquial do *eu vi ele, o carro atropelou ela*, mas não é preciso consagrar em frases de televisão essas expressões do dia a dia, e desconhecer o uso do objeto direto (*eu o vi, o carro a atropelou*), que corresponde ao caso acusativo latino, de que derivam a nossa sintaxe e elegância verbal.

Há os que justificam os erros gramaticais como pretensa simplicidade, ou simplismo. E até gostariam de suprimir as origens gregas e latinas que ainda aparecem no vocabulário das bulas de remédios e laudos de exames médicos, ou de descrições de botânica e de tantas outras ciências, o que só enriquece a língua portuguesa (e as congêneres modernas), e força o nosso cérebro a sair da preguiça verbal. O que restaria da nossa língua, se também quiséssemos extirpar os milhares de palavras de origem indígena tupi, que embelezam nossos rios, árvores, animais, acidentes geográficos, nomes de cidades, plantas e lendas? Seria tão estúpido quanto se elegêssemos um presidente que, *por esse negócio aí...*, chamasse de energúmeno o grande pedagogo Paulo Freire, ou de herói nacional o coronel torturador da ditadura militar...

MEU PÉ DE SAPOTI

Elza Zarur

A promessa era antiga: ao voltarmos para o Brasil, vou levar você para conhecer o pé de sapoti! Prometo!!!

Desde os tempos em que, para enfrentar os gelados finais de semana em Washington, a família toda se aconchegava no *basement*, abarrotado de brinquedos, lareira bem quentinha, eu distraía Marina, a caçula dos três filhos, contando histórias.

Para ela, nenhum assunto era mais emocionante do que ir ao meu mundo de criança passado no meu velho Visconde do Rio Branco, MG. Uma, duas, três vezes, ou muito mais do que isto eu tinha que ficar repetindo histórias e minha infância não podia jamais ter fim a não ser que o sono chegasse e que o branquinho da neve, pelos vidros, virasse noite escura e ela dormisse feliz. Era sempre assim!

O pique-pega ao redor da Fonte da Praça; o cabra-cega no sobrado da querida tia Pequita; as brincadeiras na casa da Enedina ou da Ísis, onde o quartinho de costura da D. Olga me fascinava tanto que eu fazia da minúscula meia hora, que mamãe me deixava ir, um dia de imaginação viajando entre as sobrinhas de retalhos e moldando botõezinhos de papelão nos vestidos das bonecas... Mas, quando o relógio me alertava, eu voltava para casa e ia direto para o pé de sapoti.

Ali, entre galhos com folhagens bem verdinhas e fechadas, embaixo de umas madeirinhas bem ajeitadas, eu guardava toda a família de “filhinhas” e – lógico – meus segredos. Era a minha casinha de bonecas! Tinha até escadinha para subir. O máximo!

Tudo era assunto e Marina, com seus olhinhos brilhando, tinha a certeza absoluta de que minha cidade natal era idêntica à fazenda do Chico Bento.

Até que, em 2003, ela com 16 anos, fomos para Rio Branco. Ao chegar, logo na entrada, bem perto do Clube dos Cinquenta, eu pedi para meu marido parar o carro. Queria, a pé, bem devagar, ir exibindo a ela e a uma amiga as lembranças do passado: o Grupo Escolar Padre Antônio Corrêa; a Rua da D. Júlia, que fazia picolé de K-Suco de framboesa (a boca ficava vermelhinha e eu achava lindo); a venda onde eu comprava aqueles suspiros cor de rosa enormes, cheios de bolinhas coloridas, e goiabada em triângulo... e assim fomos.

De repente vi, dentro de uma varanda, uma senhora bem idosa. Parecia esperar o tempo, esquecida de si. Olhei-a fixamente – precisava reconhecê-la de qualquer forma e encontrar um pouquinho, um tiquinho que fosse, de intimidade entre nós. Queria trocar saudades, saber da família, dos vizinhos e ir entrando logo casa adentro, perguntando pelo café e revendo todos do meu passado. Impossível! Fui embora

na maior decepção com a realidade, mas minha amiga, percebendo minha vontade, insistiu para que eu voltasse.

Voltei... parei de novo... coloquei as bochechas entre as grades da varanda e ali fiquei. A acompanhante da senhora idosa, estranhando muito, indagou: perdeu algo aqui??? Meio sem jeito, respondi: “Não, não perdi nada, mas queria muito saber se ela conheceu minha mãe... quem sabe?, pode ser; seria tão bom para mim...”

Para meu espanto e absoluta surpresa, ao verme de frente, Tina, a acompanhante, inesperadamente respondeu: “A árvore de que sua mãe tanto gostava, o pé de sapoti, está lá!!!” Perplexas, nós não tivemos olhos para acolher tantas lágrimas. Não podíamos acreditar em tamanha coincidência! Como? Como assim? Como ela pode falar exatamente no pé de sapoti, motivo da nossa viagem e famoso que era, unicamente, para mim? Como assim?

Completamente sem graça, pediu desculpas pelo desconforto e disse que viu, em mim, minha mãe, D. Eponina, que ela tanto conheceu.

Continuamos a caminhada e chegamos até minha velha casa.

A casa onde havia o pé de sapoti é, hoje, o Clube dos Bancários e, em meio a todo o piso de cimento, só deixaram ficar apenas uma árvore: o meu pé de sapoti. Agora, uma história na minha vida.

POLICARPO QUARESMA

Ana Miranda

Ele é um Policarpo Quaresma! Ouvia dizerem de meu pai aqui e acolá e me inquietava, o que isso queria dizer? Descobri que esse nome meio gaiato e com sabor antigo era de um personagem do livro de Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que então estudei na escola como algo que me pertencia. E entendi o que diziam de meu pai: bom coração, idealista, patriota.

Como Policarpo Quaresma, meu pai era cheio de entusiasmo, paladino da justiça, sempre em busca de saídas para o Brasil, o grande amor de sua vida (depois de mamãe!). Amava o Brasil e tudo o que fosse brasileiro, dizia que devemos viver não para nós mesmos, mas para o País. Policarpo era assim, só queria saber de comidas e bebidas brasileiras, tinha apenas plantas nativas em seu jardim, estudava o malvisto violão, para tocar modinhas brasileiras, aprendeu a tocar maracá e inúbia, pregava que nossa língua oficial fosse o tupi. Che ahayhu petei Brasil mboka'ÿre. Isso significa: Amo um Brasil sem armas.

“O grande inconveniente da vida real e o que a faz insuportável ao ser superior é que, se se transferirem para ela os princípios do ideal, as qualidades tornam-se defeitos, de modo que, frequentemente, o homem completo tem bem menos sucesso na vida do que aquele que se move por egoísmo ou pela rotina vulgar”. Renan escreveu, e essa é a epígrafe que Lima Barreto escolheu para seu romance. Sim, os valores nobres são desprezados no mundo real, governado pelo princípio de Cada um por si.

Assim como Policarpo, que foi viver num sítio para provar a decantada fertilidade do solo brasileiro,

meu pai deixou o que construía na juventude, posto agrícola, estrada de ferro, porto e se engajou no grandioso projeto da construção de uma cidade surreal no meio de nada. Eram muitos os Policarpós Quaresmas dentre os que se dirigiram a Brasília, pessoas idealistas, patriotas, de bom coração. Ahayhu che rúpe.

Meu pai era engenheiro agrônomo e, como Policarpo no sítio, foi comprovar a fertilidade das terras vermelhas do cerrado. Trabalhou na criação da Cinta Verde no entorno de Brasília, muito bem-sucedida, lembro que íamos visitar as feiras de vegetais, e das abóboras gigantes, e das uvas em maravilhosos cachos, das melancias flamejantes, das laranjas douradas ao sol, doces como mel.

Policarpo lutou contra saúvas, ervas daninhas, lutou contra a opinião pública, a peste negra, contra as autoridades, as chuvas de areia, e contra pragas diversas, para ajudar no crescimento do Brasil e mesmo, sonhador! do mundo. Mas teve um triste fim. Eu pensava se, como Policarpo Quaresma, meu pai teve um triste fim, e concluía que não; ele realizou o seu sonho, amou intensamente e partiu para outro mundo sabendo que participou de uma majestosa construção.

No entanto, Policarpo Quaresma teve, mesmo, um triste fim. Não apenas o personagem, que sofreu perseguições, humilhações, foi internado num hospício, depois foi preso e condenado à morte. Arte é símbolo. Naquele dom Quixote local estava profetizada a morte dos Policarpós Quaresmas. Com “seu orgulho, a sua doçura, a sua personalidade moral, sem a mácula de um empenho, que diminuísse a injustiça de sua morte”. Ah, a tradução de Ahayhu che rúpe é: Amo meu pai.

OS LIVROS

Inês Lourenço

Os livros duram séculos e falam da melodia da chuva, dos rios e dos mares, das fontes, dos úmidos beijos dos amantes, mas também morrem despedaçados num qualquer temporal que parte as vidraças e lhes tolhe as páginas numa brutal invasão líquida. E falam do fogo das paixões, de estrelas a arder no infinito, mas o convívio das chamas é-lhes vedado, apesar da torpe ignorância a isso os ter condenado tantas vezes.

Quantos naufrágios e incêndios os destruíram, para depois ressurgirem múltiplos, audazes amigos tão antigos e tão novos.

Da coletânea *Os pecados predilectos*, Ed. Jaguatirica, Rio, 2019.

A GERAÇÃO QUE DEU UM MAPA À CULTURA DA BAHIA

Edmílson Caminha

Se me pedissem escolher os dez maiores intelectuais brasileiros contemporâneos, um dos primeiros seria o baiano João Carlos Teixeira Gomes. Jornalista, professor, poeta, ensaísta, biógrafo, cronista, contista, romancista, João Carlos é dos poucos a pensar com a própria cabeça, diferentemente da legião que se conforma com dizer o já dito e escrever o já escrito. Obras como *Camões contestador e outros ensaios* (1979), *Gregório de Matos, o Boca de Brasa: um estudo de plágio e criação intertextual* (1985) e *A tempestade engarrafada* (1995) estão, sem favor nenhum, entre as mais importantes do gênero já publicadas no Brasil, em todos os tempos. A elas junta-se, agora, *Geração Mapa* (Salvador : Caramurê, 2019), sobre o movimento que agitaria a cultura baiana no fim da década de 1950.

No Colégio Estadual (também conhecido por Central) da Bahia, estudantes vão além das aulas e das provas e lançam revista a que dão o nome de *Mapa*, título de poema do modernista mineiro Murilo Mendes. Um dos versos, “Viva eu, que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente”, era repetido em alta voz pelo inquieto aluno Glauber Rocha, depois cineasta internacionalmente consagrado, como expressão maior do Cinema Novo. Com ele, no grupo, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando da Rocha Peres, Paulo Gil Soares, Calasans Neto, Sante Scaldaferrri e vários outros, a quem mais tarde se acrescentariam João Ubaldo Ribeiro, Sônia Coutinho e David Salles, promessas que logo se cumpriram na literatura, na imprensa e nas artes plásticas.

Atenta ao que se passava fora daquela provinciana Salvador, sabia a turma da existência dos “Jograis de São Paulo”, atores como Armando Bógus, Rubens de Falco, Ítalo Rossi e Ruy Affonso, que davam recitais de poesia em teatros, espaços públicos e até boates. Glauber organiza, então, “As Jogralescas”, para encenar, com recursos da dramaturgia, poemas de Drummond, Bandeira, Vinicius, João Cabral e outros grandes do nosso modernismo. Foram três espetáculos em 1956 e dois em 1957 – o penúltimo, realizado no auditório do colégio, entraria para a história da cultura baiana, pela surpreendente reação que provocou. Dias depois da apresentação, o jornal *A Tarde* trazia extensa matéria sobre a Jogralesca, promovida por “jovens mal orientados” que, com as mentes “trabalhadas pelas ideias materialistas que dominam o mundo moderno, desprezam tradições” e “vão até o ponto de escarnecer os sentimentos religiosos daqueles que continuam fiéis às suas crenças”. Escreve João Carlos Teixeira Gomes:

Em seguida, o jornal estampava um longo Memorial, encabeçado pela professora Dalva Matos, católica fanática, e com numerosas assinaturas de professores da congregação do colégio (a maioria absoluta dos quais não estivera presente à encenação), exigindo do diretor do Central, professor Moura Bastos, uma “providência edificante” que “contribua para restaurar entre a mocidade o respeito devido às causas nobres e elevadas”. Em certo trecho, patéticos e ridículos, os signatários indagavam: “Aonde querem chegar os nossos jovens?”

A repercussão foi tamanha que suscitou manifesto de apoio aos estudantes da Bahia, com a assinatura de intelectuais paulistas já importantes: Lygia Fagundes Telles, Marcos Rey, Paulo Dantas, José Geraldo Vieira, Bráulio Pedrosa, Mário Donato, Sábato Magaldi, Ricardo Ramos, Décio de Almeida Prado e outros mais.

Oportuno lembrar esses espantosos acontecimentos que, 67 anos depois, parecem-nos assustadoramente atuais, quando governantes brasileiros regridem à inquisição da idade média para desprezar a cultura, proibir obras literárias, ofender artistas e negar o conhecimento científico, a provar que a ignorância é mesmo audaciosa, como certa vez declarou, com inesperada sabedoria, Mão Santa, o folclórico político piauiense. Tempos que nos levam a atualizar o que disse o escritor Ivan Lessa, e melancolicamente reconhecer que, a cada 67 anos, o Brasil esquece o que ocorreu nos últimos 67 anos...

A pretexto de registrar o que ficou da geração a que pertence, João Carlos Teixeira Gomes oferece ao leitor o que bem se poderia chamar *História Concisa da Literatura Baiana*, como, em 1970, já o fizera Alfredo Bosi, com relação à brasileira. E dá aos escritores da província o valor que têm no conjunto maior das letras nacionais:

A literatura brasileira vai começar, sim, na primeira metade do século XVII, que, significativamente, assinalará um momento de relevo da literatura baiana. Temos então o surgimento de duas figuras de gênio – Gregório de Matos Guerra e Antônio Vieira – secundadas por um poeta de notável talento, mas até hoje prejudicado na sua avaliação pelos preconceitos contra o Barroco, cultivados durante longos anos pela nossa historiografia literária: Manuel Botelho de Oliveira.

Autor da *Música do Parnaso*, que escreveu em latim, português, espanhol e italiano, é dele o poema “Oitavas à Rosa”, com dois belíssimos versos em louvor da mulher amada: “*Não queiras, não, perder em teu desgosto / Do dezembro da idade o abril do rosto*”.

Brilhante professor que engrandeceu o curso de Letras da Universidade Federal da Bahia, o escritor como que volta às salas de aula, ao discorrer, com originalidade, sobre as criativas soluções poéticas de que fez uso o condoreiro Castro Alves:

Em *O Navio Negreiro*, por exemplo, há um trecho em que o poeta quer dar ao leitor a possibilidade de “visualizar” o interior da nau tumbeira para comovê-lo pela contemplação direta da desgraça. Mas como fazê-lo? De que maneira trazer o leitor “por cima” da nau, se no mesmo nível do barco – dentro do mar, portanto – nada se poderia ver? É aí que lhe ocorre a ideia genial, concretizada com igual mestria no plano do poema. Toma ele de uma ave – o albatroz – em pleno voo e, tal como se fosse uma câmera cinematográfica que

verrumasse o porão do navio, faz com que o leitor veja a cena degradante através dos olhos do albatroz.

E apresenta os versos que ilustram o comentário: *Desce do espaço imenso, ó águia do oceano! Desce mais... inda mais... Não pode olhar humano Como o teu mergulhar no brigue voador! Mas que vejo eu aí... Que quadro de amarguras! Que funéreo cantar!... Que tétricas figuras!... Que cena infame e vil... Meu Deus! meu Deus! que horror!*

Donde se pode concluir que, fosse diretor de cinema como o conterrâneo Glauber, Castro Alves lançaria mão de um drone para filmar as entranhas monstruosas do navio negreiro...

Ao falar sobre o romântico Junqueira Freire, reproduz passagem que comove pela riqueza humana de que se reveste:

Não, não é louco. O espírito somente É que quebrou-lhe um elo da matéria. Pensa melhor que vós, pensa mais livre Aproxima-se mais à essência etérea. Agora está mais livre. Algum atilho Soltou-se-lhe do nó da inteligência; Quebrou-se o anel dessa prisão de carne Entrou agora em sua própria essência.

E vê no poeta baiano, da primeira metade do século XIX, um precursor do movimento que, cem anos depois, viria a defender o fim dos manicômios e da segregação social de pessoas com intercorrências psíquicas:

A negação da loucura como enfermidade é uma tese grata a certas correntes da psiquiatria moderna. Junqueira Freire antecipou-se de certo modo a elas. Viu a loucura não como uma conflagração do indivíduo consigo mesmo ou com o mundo circundante, mas sim como um reencontro com as suas verdades mais íntimas e pessoais. Pensar assim no século XIX é uma concepção diversa da que se nutria em relação ao problema, encarado com pavor.

Palavras que me lembram um excelente livro, *Loucos Egrégios* (1979), de Juan Antonio Vallejo-Nagera, em que o psiquiatra e escritor espanhol vai de Caravaggio a Van Gogh, de Farinelli, *Il Divino Castrato*, a Nijinski, para mostrar como são tênues as fronteiras entre genialidade e a loucura. Coincidência: li-o recomendado pelo ensaísta da *Geração Mapa*, quando nos conhecemos em Fortaleza, no início da década de 1980.

São, pois, 40 anos de uma amizade que me honra e enobrece, como testemunha da grandeza humana, da força moral e da vastidão do saber de João Carlos Teixeira Gomes, participante da geração que fez história na Bahia e com tanto mérito a representa na cultura brasileira.